

PESQUISAS

1

1957

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
PÔRTO ALEGRE - CAIXA POSTAL, 358
- BRASIL -

Um paradeiro Guarani do Alto-Uruguai

Inácio Schmitz, S. J.

O Alto-Uruguai, que traça o limite entre os estados brasileiros de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, corta uma das regiões mais ricas do Sul do país em material paleo-etnográfico. Nas suas ribanceiras altas, bem como nos vales escavados pelos afluentes no basalto mesozóico, encontram-se dezenas de paradeiras indígenas, alguns já destruídos pelas roçadas, outros ainda no interior da intrincada mata pluvial, que impossibilita qualquer exploração. Muitas vezes o material aparece diante do arado do agricultor, ou quebra debaixo das patas dos animais nas pastagens. Alguns sitiantes curiosos levam para casa o material cerâmico bem conservado a fim de nêle plantar flôres ou, alimentar as aves do terreiro, e as crianças brincam com os machados até os extraviarem. Alguma coisa já foi recolhida a museus, mas a região não foi ainda submetida a nenhuma pesquisa realmente científica. Por isso nos atrevemos a publicar estas breves notas sôbre uma jazida visitada nesta circunscrição, não pretendendo realizar um trabalho completo, mas fornecer mais alguns dados para o estudo desta rica província.

O paradeiro visitado em janeiro de 1957, situa-se à margem direita do Rio Uruguai, em terras do Pré-seminário de S. Pedro Canísio, próximo à vila de Sede Capela, no município de Itapiranga, no extremo sudoeste de Santa Catarina. Sua localização é fácil, pois encontra-se a uns 50 metros do

rio, entre a corredeira da Fortaleza e a ilhota do mesmo nome, comumente conhecida como «o Pedrão».

Um pequeno córrego, sêco no estio e que desemboca diante do Pedrão, divide o paradeiro em duas porções distintas: do lado direito do filete de água, numa encosta que olha para a corredeira, encontra-se o cemitério, cuja área não nos foi possível determinar exatamente, por se encontrar num milharal grande, mas que sem dúvida orça pelos 200 metros de diâmetro. Do lado esquerdo do mesmo córrego três manchas de terra carbonizada, espalhadas numa área de 100 metros de diâmetro, constituem o paradeiro propriamente dito, ou o lugar da antiga aldeia. Infelizmente, ambos os núcleos paleo-etnográficos estão mal conservados, pois se encontram em terreno cultivado durante um ou outro ano e, como estão à flor da terra, desconjuntaram-se as estruturas indispensáveis para a correta classificação do material.

Não obstante estas deficiências, a jazida apresenta o seu interêsse; pois o material ainda se encontra todo no primitivo lugar e os objetos inacabados ou rudimentares, desinteressantes para o simples colecionador de curiosidades de museu, mas que podem revelar técnica de fabrico aqui se apresentam ao pesquisador, obrigando-o a levá-los. Também a configuração da aldeia, com o cemitério isolado a uns 500 metros de distância do povoado, são elementos não desprezíveis para o estudioso. Começemos por aqui.

* * *

O cemitério é facilmente reconhecido como tal pelas numerosas urnas nêle enterradas (1). Num exame rápido pudemos contar aproximadamente uma dúzia de covas, em forma de pera, cujos fragmentos de cerâmica revelam o antigo esconderijo de urnas de regular tamanho. Centenas de igaçabas parecidas têm sido desenterradas em cemitérios indígenas da localidade e os agricultores, que recentemente aí se estabeleceram, mais de uma vez têm encontrado nelas ainda os ossos dos falecidos já muito decompostos. De semelhantes pesquisas realizadas em outro tempo e lugar, nos estados do sul, H. von Ihering assim se expressa: «muitas destas urnas continham esqueletos humanos, quando desenterradas; isto foi verificado... no Rio Grande do Sul, S. Paulo e Paraná...» (2). Saber se todo o cadáver do morto ou apenas os ossos eram enterrados nestas urnas, não o podemos discutir aqui.

O pessoal do lugar, por nós encarregado da continuação da pesquisa e da coleta de material, descobriu e conseguiu salvar após nossa partida uma urna inteira, embora estas geralmente se encontrem destruídas pelas raízes das árvores, pois

o mato tudo cobre, depois pelos lavradores ao prepararem os campos, por se encontrarem apenas a 30 ou 40 cms. debaixo do solo, e não em última análise pelo deficiente preparo do material e ao cozimento imperfeito.

Apesar de minucioso exame da área que denominamos cemitério, nela não pudemos encontrar manchas negras de carvão, nem lito algum, nem cerâmica pintada em côres, mas apenas fragmentos lisos sem pintura, ou com impressões unguiculares e digitais. Os fragmentos correspondiam a vasos, desde o tipo igaçaba, com paredes até de 3 cms. de espessura e potes minúsculos de apenas alguns centímetros de abertura e 3 a 4 mms. de espessura de paredes. O tipo intermédio, predominante no paradeiro do outro lado, escasseava aqui. Esta seleção de material chamou nossa atenção.

Em comparação com outros sítios parecidos e, calculando o número de igaçabas destruídas no amanho da terra, pode-se inferir que na área em questão se encontram ainda algumas dezenas de urnas funerárias, o que pesquisas posteriores em parte já vieram confirmar.

Como, porém, as condições neste ponto, que denominamos cemitério, se mostrassem adversas, concentramos nossa atenção no outro lado do arrôio, onde três manchas de terra carbonizada indicam, provavelmente, o lugar onde tinham estado as três malocas de uma aldeia.

Semelhantes manchas negras, visíveis por vêzes a grande distância, e existentes em tôda a extensão do território nacional, costumam indicar os paradeiros dos índios. O carvão e a cinza resultantes de fogueiras, acesas dentro da maloca e que, de noite ardiam debaixo da rede, para fins vários, misturam-se com o solo e lhe imprimem esta côr escura indelével. No município de Itapiranga, bem como nas comarcas limítrofes encontram-se destas «terras negras» em grande abundância, encerrando infalivelmente numerosos fragmentos de cerâmica e algum material lítico.

Herbert Baldus, em «Tonscherbenfunde in Nordparaná», estuda estas manchas negras em vários autores e territórios do Brasil (3). Nos sambaquis do Brasil meridional o mesmo fenômeno se expressa em camadas, por vêzes espessas, de conchas calcinadas de mistura com cinza e carvão vegetal, formando estruturas nitidamente separáveis e que atravessam o aglomerado todo em várias direções (4).

A disposição das «terras negras» na jazida é mais ou menos em linha reta, ao longo de suave inclinação do terreno. Um declive suave leva até a barranca do rio a uns cinquenta metros de distância. Do outro lado há uma grande

área quase plana, no meio da encosta. A localização do povoado era das mais vantajosas para a vida indígena: a menos de trezentos metros encontra-se a corredeira da Fortaleza, ainda hoje afamada pelo grande número de peixes grandes e de captura fácil; no rio, sôbre as rochas, há moluscos fáceis de agarrar; a provisão de uma água realmente apetecível podia-se fazer no arroio, ou nas suas fontes. Por outro lado, em extensões incalculáveis, viceja a mata-virgem riquíssima em caça grande e miúda e que propicia à agricultura um dos solos mais férteis do sul do país. Estratêgicamente a aldeia dominava o rio até grandes distâncias, podendo controlar a aproximação do inimigo, geralmente feita em canoas; do lado de cima a corredeira de várias centenas de metros de comprimento, dificulta o avanço dos adversários.

Passando a descrever os núcleos formadores da aldeia, comecemos pelo mais próximo do rio e terminamos pelo mais afastado, dando-lhes os números, respectivamente de um, dois e três.

O primeiro apresenta-se de forma irregular e mede 23 por 18 metros nos pontos extremos. O solo compõe-se de uma camada de terra negra, misturada com carvão vegetal, de uma espessura variando entre 30 e 40 centímetros. Sob esta capa, bem como dos lados a terra é vermelha, com pequenos calháus basálticos da mesma côr, em adiantado estado de decomposição.

Na base da camada de terra preta, a uns 20 centímetros de profundidade e sob uma camada de terra revolvida no amanho do solo, encontram-se estratificações de um molusco, cujo nome científico é *Ampullaria gigas* e ainda muito encontrado em todo o Uruguai. Na jazida predomina ora o espécime já adulto, ora o pequeno, em fase de crescimento (v. fig. 10). Os dois tamanhos se encontram no paradeiro sempre misturados e não em camadas isoladas. A estrutura conchiliana intacta oscila nos três centros entre 15 e 30 cms., sendo neste primeiro de 15 a 20 cms. Provavelmente em depósitos apresentavam de início estas estratificações em tôda a sua espessura, sendo destruídas pelo amanho da terra e encontrando-se as conchas atualmente espalhadas à superfície e misturadas ao solo revolvido. Acham-se, entretanto, perfeitamente conservadas, sem indício de decomposição, mas nenhuma delas apresenta sinais de ter sido utilizada para adorno ou qualquer outra finalidade técnica.

Alguns quilômetros rio abaixo na mesma margem direita, pudemos observar outro acúmulo de conchas com frag-

mentos de cerâmica, não nos sendo possível a exploração devido ao intrincado da mata pluvial.

G. Tiburtius, I. K. Bigarella e J. J. Bigarella encontraram na jazida, presumivelmente guarani, de Itacoara, junto ao Rio Pirai (S. C.) e a uma distância de 32 Kms. da costa, semelhante camada de moluscos fluviais, de mistura com outros, mais raros, provenientes do oceano (5).

O mesmo fenômeno fôra já anteriormente observado em suas investigações sobre os guaranis do Alto Paraná por F. C. Mayntzhusen. (5.a).

* * *

A cerâmica de que o solo está literalmente juncado, apresenta-se em fragmentos maiores e menores ainda mais ou menos juntos, que não obstante apresentam certas dificuldades à exata reconstituição. Também os objetos de pedra se acham deslocados dos seus lugares primitivos, mas ficam ainda dentro da área do respectivo núcleo. É necessário notar de antemão que muitos objetos são encontrados nos arredores da aldeia, às vezes a centenas de metros de distância, perdidos na caça ou na agricultura. O que ficou dentro da maloca muitas vezes não passa de instrumentos inacabados e outros que servem para o seu fabrico, excetuando naturalmente a cerâmica, que ficava tôda concentrada na aldeia.

Neste primeiro núcleo foram colecionados um fragmento de machado minúsculo, de que ficou apenas o corte e uma parte mínima do corpo; um bloco de quartzo aproveitado como amolador; alguns núcleos e lascas residuais do fabrico seja de pontas de flecha, seja de lança, sendo o material o sílex e o basalto vermelho (fig. 6 c, d). Um núcleo parecido de arenito, com leve cozimento (fig. 6, e), talvez seja resíduo de outra natureza. Este, como outros fragmentos de arenito, certamente são importados, visto em tôda a região existir apenas um tipo de rocha que é o basalto.

Nos fragmentos de cerâmica predomina a decoração plástica (unguicular, de impressão digital, incisada por espátula) sobre a pintada e a lisa, sem ornato.

No que tange ao material conchiliano, manifesta-se leve predominância das conchas pequenas sobre as grandes.

Dos resíduos ósseos, muito fraturados e escassos, dificultando o reconhecimento, alguns são manifestadamente de procedência animal, parecendo outro de origem humana. Nos outros núcleos não encontramos ossos.

O segundo núcleo, de 45 e 20 metros nos pontos mais largos, dista apenas questão de cinco metros do anterior e apresenta as mesmas características, na composição, estratificação e material etnográfico.

Numa pequena bacia, a menos de 20 metros do centro número dois, encontra-se o terceiro núcleo com uma camada de terra misturada com carvão que atinge 60 cms. e mais e com uma estrutura intacta de conchas entre 20 e 30 cms. Há um equilíbrio, talvez mesmo predomínio, das conchas grandes sobre as pequenas, orçando o tamanho do lugar em 30 por 30 metros.

Encontrou-se aqui uma bola de charrua, outra bola polida, mais uma terceira em forma perfeita de ovo minúsculo; grande número de machados em preparo, com o corte apenas lascado e ainda não polido; alisadores de cerâmica, percussores, afiadores, polidores, bem como núcleos e lascas provenientes do fabrico de pontas de flechas. Os machados em preparo encontraram-se todos num mesmo lugar, num dos lados do núcleo, provavelmente o local da oficina. No centro deste núcleo predomina absolutamente a cerâmica pintada, mas em direção à periferia manifestam-se cada vez mais abundantes os outros tipos, até que a certa distância são os únicos a aparecer.

No mesmo terreno do Pré-seminário foram ainda encontrados uma mão de pilão, um machado grande perfeitamente polido, outro fragmento de machado constando da cabeça e da metade do corpo, do mesmo tipo que o interior, duas pontas de flecha, um machado de gargalo, um pote em forma lenticular. De maior distância provieram os três objetos inteiros de barro descritos mais adiante e o apito que é da linha Baú, do mesmo Município de Itapiranga, doado pelo Sr. Stülp, que posteriormente encontrou mais um exemplar idêntico.

Passamos, pois, à descrição sumária do material lítico, deixando a cerâmica para as considerações finais.

1. Mão de pilão de 37,5 cms. de comprimento, por 4,9 de diâmetro no ponto mais largo, isto é a 5 cms. da base, e 3,4 cms. de largura na cabeça. O basalto colunar negro, de que é fabricado, está bem polido, restando os vestígios do lascamento original apenas em um ou outro ponto. Comparado com as outras mãos de pilão do planalto classificar-se-ia de tamanho médio, pois as grandes chegam a atingir 70 cms. e mais de comprimento e pesar 7.500 gramas (fig. 1, a).

2. Mão de pilão de basalto, perfeitamente polido, de 26 cms. de comprimento por 4,8 de diâmetro em toda a extensão, se excetuarmos uma das pontas levemente adelgada. Encontrada em Linha S. João, Itapiranga. Entre as congêneres do planalto meridional seria classificada de pequena (fig. 1, b).

Os machados da região são bem trabalhados e muito abundantes. Balduino Rambo enumera os tipos mais importantes: machados de corpo redondo e cabeça fina, comprida; machados de corpo elíptico e cabeça curta, grossa; machados de corpo plano e cabeça longa; machados de corpo arredondado, muito curtos; machados de gargalo; machados semilunares (em crescente, em âncora) e machados verticulares (perclusos, também chamados itaiçás ou rompe-cabeças) (6). Um estudo interessante sobre os machados do planalto sul-brasileiro, em que se encontra o paradeiro, apresentam G. Tiburtius e A. Leprevost (7). Dos tipos enumerados por B. Rambo foram encontrados em Itapiranga dois exemplares que se enquadram no segundo tipo enumerado e um machado de gargalo. As peças em preparo ainda não permitem classificação.

3. Machado de 25 cms. de comprimento, largura máxima de 6,5 cms. no meio corpo, afilando em direção à cabeça e ao corte semi-circular. Espessura máxima 5 cms. Polimento das faces e do corte perfeito, no alto da cabeça mal terminado, aparecendo as superfícies do lascamento. Cabeça levemente danificada. Corresponde ao segundo tipo de B. Rambo. Todos os machados são de basalto escuro (fig. 1, c).

4. Fragmento de um machado, semelhante ao anterior. A peça é constituída da cabeça e de metade do corpo. Polimento perfeito, incluindo a cabeça. Comprimento de 12,5 cms., largura máxima 7,2 cms. na base quebrada, estreitamento em direção à cabeça. Grossura máxima 3,7 cms. (fig. 2, a).

5. Machado de gargalo, com 20,5 cms. de comprimento, 5,5 cms. no alargamento máximo e 3,9 no ponto de maior espessura, afilamento em direção à cabeça fina e ao corte. A 4 cms. da cabeça apresenta um desgaste de 2,3 cms. de largo e 3 mms de profundo para encabamento. Corte redondo, irregular. A superfície de desgaste que vai constituir o fio avança até 5,5 cms. nas faces, formando até a mesma altura nos bordos uma continuação obtusa do fio. Alisamento bom. A forma não perfeitamente regular, mas esboçando um leve S. Sobrou numa das faces um sulco correndo longitudinalmente (fig. 1, d).

6. Fragmento de machado minúsculo, quebrado um pouco acima do corte afiado. Polimento perfeito, a não ser num dos lados, onde aparecem as superfícies de lascamento. Corte semi-circular. Comprimento do fragmento 3,5 cms., largura 4 cms., grossura maior 1,5 cms. (fig. 6, b).

7. Machado em preparo: 16 - 6,5 - 3,5 cms. Neste co-

mo nos outros que seguem aproveitou-se o calhau polido do rio que já apresenta a forma quase perfeita. Em verdade, junto à corredeira da Fortaleza poder-se-ia fazer uma coleção de «objetos indígenas», recolhendo apenas o que a natureza aí colocou já quase preparado. O indígena valia-se dêste calhau acrescentando-lhe um bordo cortante por meio de polimento em cima de uma pedra, empregando como auxiliares a água e a areia. Os machados em preparo encontrados no núcleo nr. 3 do paradeiro vêm todos com o corte lascado ora apenas numa, ora em ambas as faces, às vezes mais, outras vezes menos perfeitamente. Não apresentam outros sinais de trabalho ou uso (fig. 2, b).

8. Machado em preparo, quadrado. Dimensões: 14 - 5,5 - 2 cms. Corte a golpes (fig. 2, e).

9. Machado em preparo com lascamento para o corte apenas numa das faces. Encontra-se já perfeitamente polido pela água do rio. Medidas 17,5 - 6,5 - 4,5 cms. (fig. 2, c)

10. Machado em preparo de corte irregular, trabalhado por lascamento rudimentar e sobressaindo no meio um grande dente em ponta (fig. 2, d).

11. Machado em preparo, apresentando corte incipiente a golpes por um lado apenas. Dimensões 9,8 - 6 - 2,8 cms. (fig. 2, f).

12. Machado em preparo, quebrado, apresentando sulcos de lascamento em uma das faces. Corte a golpes muito mal feito (fig. 2, g).

13. Machado em preparo, quebrado longitudinalmente e com grande lasca arrancada do lado. Dimensões 10 - 5 - 2 cms. (fig. 6, h).

14. Ponta de flecha triangular de sílex, de 5,5 cms. de comprimento, 3,2 de largo nas farpas, espinho basal 1 cm. de comprimento e 1,5 de largo. Lascamento bom, bordas não serrilhadas, levemente bombeadas (fig. 3, b).

15. Ponta de flecha triangular de meláfiro vermelho. 8,5 cms. de comprimento, 4 cms. de largura nas farpas, espinho basal 1,5 cm. de comprimento e 2 de largura. Lascamento imperfeito, bordas não serrilhadas, levemente bombeadas, com uma farpa quebrada (fig. 3, a).

16. Bola de Charrua elíptica, de alisamento um pouco irregular num dos lados. Dimensões 6,2 - 5,1 - 4,4 cms. Estria de 3 mms. de profundidade, correndo longitudinalmente, por cima dos polos. Se inquirirmos na utilidade que poderia ter tido aquele objeto ali no mato fechado, numa região acidentada, muito longe dos campos, talvez se deva chegar à conclusão de que é objeto de intercâmbio, presente ou lem-

brança de índios campeiros, os quais a empregavam em grande escala nas suas caçadas. Também os guaranis dos campos sul-riograndenses a possuíam. Porém como limite norte da bola de charrua costuma indicar-se o município de Santa Rosa no Rio Grande do Sul. A hipótese aventada é corroborada ainda pelo fato de o referido lito ter sido encontrado no centro da aldeia e não fora, o que seria mais consentâneo com o uso na caça (fig. 4, a).

17. Bola oval de forma perfeita e polimento total, medindo 3 cms. de polo a polo e 2,8 na região equatorial. De uso desconhecido (fig. 4, b).

18. Bola pequena perfeitamente elíptica e regular, medindo 3 - 2,5 - 2,5 cms. Polimento excelente. Uso desconhecido. (fig. 4, c).

19. Apito de barro cozido em forma lenticular. Diâmetro 4,2 cms., grossura máxima no eixo 2,5. A cavidade aberta no meio de uma das faces mede 2,2 de largura e 2,3 de profundidade sendo mais ou menos redonda. Soprando com força dentro da cavidade produz-se um som semelhante ao que os rapazes conseguem soprando dentro de um vidrinho. Nesta região foram até agora encontrados dois destes apitos e não os tenho visto comentados em outra parte, nem os tenho encontrado até agora em museus (fig. 13, c).

20. Bloco de quartzo do tamanho de uma cabeça, apresentando num dos lados uma superfície alisada e levemente escavada que terá servido como amolador de machados. A superfície desgastada mede 18 por 11 cms. nos pontos extremos.

21. Outros objetos preciosos que escapam muitas vezes ao colecionador de material curioso são várias pedras de formatos diversos encontrados em número elevado não só neste paradeiro, mas também nos dos litoral. Diversos autores fazem menção deles: são os alisadores de cerâmica (fig 5, a - d). Os vasos de barro realmente apresentam superfícies que indicam, sem possibilidade de engano, este alisamento, interno em toda a cerâmica; interno e externo nos recipientes lisos sem pintura e nos pintados e em alguns de ornamentação plástica. Estes alisadores costumam apresentar um dos lados regularmente arredondado e naturalmente polido, que serve para alisar o vasilhame, enquanto o barro é plástico. Um dos alisadores apresenta numa das faces, já um pouco côncava, duas pequenas cavidades onde se adaptam perfeitamente os músculos do polegar ao agarrar a pedra. Na outra face arrancou-se uma lasca grande, regular em cada uma das extremidades (fig. 5, a).

22. Diversas outras pedras de uso desconhecido ainda se encontram, entre estas destacamos duas que apresentam as arestas naturais do basalto colunar acentuadamente gastas (fig. 5, e, f). Pergunta-se apenas pelo seu uso: se esmagar plantas, dar um alisamento inicial aos instrumentos de pedra ou alguma outra. O modo como se apresentam as arestas sugere que tenham servido como percussores e raspadores de pedras.

Em outros percussores as arestas e a cabeça estão igualmente gastas e de alguns pontos saltaram grandes lascas durante as batidas (fig. 66, a). Talvez tenham servido para o lascamento inicial de machados e mais instrumental lítico. Os percussores encontrados neste paradeiro diferem de peças semelhantes dos sambaquis, onde aparecem às centenas, porque os do litoral apresentam as faces de percussão regularmente gastas, sem lascamento algum e pode-se ver pelos sinais deixados que é num bater mais leve e regular.

23. Embora se tenham encontrado apenas duas pontas de flechas, é sabido que o índio da região as empregava muito, visto o grande número de núcleos residuais da fabricação de pontas, como de lascas encontradas no paradeiro. O material empregado para o fabrico destas pontas é de sílex (fig. 6, c), e de meláfiro vermelho (fig. 6, d). Por outro lado ensina-nos Métraux que os guaranis empregavam de preferência pontas de madeira nas suas flechas.

24. Finalmente surge mais um achado discutível na forma de fragmentos de arenito com sulcos perfeitamente arredondados e de profundidade igual em tôda a sua extensão e que são manifestamente de origem humana. Outros existem de cuja proveniência se podem levantar dúvidas. Um exemplar recolhido apresenta sulcos de 7 mms. de largura e 6 de profundidade (fig 6, f). Os sulcos do segundo exemplar medem 1 cm. de largo e 0,5 cms. de profundo (fig. 6, g). Os sulcos ocupam em regra geral quatro lados dos fragmentos. Este material difere de sulcos parecidos nos rochedos costeiros e de outros do interior analisados por numerosos autores, por apresentarem a mesma profundidade e largura em tôda a extensão, ao passo que aquêles costumam ser mais largos e fundos no centro afilando para ambos os extremos.

* * *

E' de lamentar que o material cerâmico, se excluirmos os quatro objetos inteiros, conste apenas de fragmentos, cuja reconstituição exige tempo, paciência e conhecimento. Tiraremos, não obstante dêle numerosas informações quanto ao tamanho, técnica, uso e ornamentação.

O tamanho do vasilhame, indicado pelos fragmentos, varia desde a igaçaba ou urna de bojo largo e atingindo 60 cms. de altura e o pote minúsculo do tamanho de um punho fechado. Dentro de certa uniformidade quanto à conformação, apresentam-se igaçabas piriformes, terrinas, panelas, ânforas de gargalo estreito, potes em forma de coração ou pêra, tigelas lenticulares, pratos de fundo raso e bordos quase verticais, recipientes com notável estreitamento no meio, parecendo vasos duplos, etc.

Mantendo algumas características gerais as variantes são quase infinitas, não se encontrando duas vasilhas idênticas. Embora todos apresentem qualquer enfeite no bordo superior ou no gargalo, nenhum fragmento mostra asa para o transporte, ou perfuração indicando dispositivo para dependurar. Balduino Rambo indica que às vêzes se passava uma corda ao redor do gargalo de potes médios e pequenos para transporte nas costas à maneira de mochila (8). O fundo não tem, por outro lado, nenhuma adaptação para o vaso ficar em pé sobre uma superfície plana, mas apresenta-se comumente arredondado, permanecendo firme apenas quando um pouco enterado no solo.

A técnica do fabrico, manifestada continuamente nos fragmentos, é a de espiral para o vasilhame médio e grande, sendo, ao que tudo indica, o pequeno moldado simplesmente à mão em peça inteiriça. A espessura das paredes varia entre 3 cms. e 3 mms. O cozimento do material, e com isto a sua qualidade, varia um pouco: regra, porém, as paredes nunca se apresentam cozidas em tôda a espessura, a não ser as bem finas, onde o fogo tornou refratária a camada tôda. O material pintado também costuma apresentar preparo e cozimento mais perfeitos.

Os outros exemplares, de ornamentação plástica, ou a cerâmica grande e lisa é coberta por uma camada refratária avermelhada nunca superior a dois milímetros, mantendo um miolo negro inatingido pelo fogo. Esta côr é atribuída por H. Baldus à mistura com a argila vermelha de carvão vegetal (9), como desengordurante. B. Rambo observou entre os guaranis que, por volta de 1885 emigraram do Paraguai e que atualmente estão no posto de Nonoai no Rio Grande do Sul, como misturavam cinza de madeira e de ossos com o barro destinado à cerâmica. A técnica desses índios também é a da espiral, mas hoje em dia estão esquecidos da antiga arte, reproduzindo apenas o cacique umas terrinas de feitio moderno, para satisfazer aos turistas. O vasilhame em uso entre eles é o dos civilizados. (10)

O mau cozimento é uma das razões por que tão mal se conservou a cerâmica indígena: por meio das frestas mal fechadas penetra a umidade até a camada não cozida, fazendo-a trabalhar e, por têrmo, fendilhar-se todo o vaso que se desagrega.

Difícil tarefa seria indicar, atualmente, e tendo diante de si apenas fragmentos, a utilidade e uso de todo êste material indígena. Certo é que as igaçabas se destinavam ao entêrro dos mortos e provàvelmente também ao preparo de bebidas fermentadas. Alguns recipientes médios trazem no fundo, manchas de fuligem, sugerindo uso ao fogo no preparo de alimento. Por fim, há quem pretenda ver nos potes menores cápsulas para guardar as cinzas dos mortos. Entretanto, semelhantes questões não são do programa destas linhas.

Relativamente à ornamentação dividimos a cerâmica em três tipos sumários: a lisa, sem ornato algum a não ser a saliência do rebordo superior; a de ornamentos plásticos produzidos por meio de incisão de espátula, impressão de dedo ou da unha; e a cerâmica pintada com variados motivos. A divisão em quantidade é mais ou menos igual em todo o paradeiro, se excluirmos o cemitério, com os dois primeiros modelos apenas, como já foi apontado. Nota-se ainda que os objetos maiores e de mais espessas paredes (até 3 cms) são lisos, sem pintura, e que a ornamentação unguicular ocorre só em recipientes pequenos.

A impressão digital, *thumb-marked corrugated pottery* de G. R. Willey (11), terá surgido como resposta elementar a uma necessidade técnica; enroladas uma por cima da outra, em espiral, as cordas de barro que formam o vaso, era preciso ligá-las. Um resultado bastante bom consegue-se comprimindo com o polegar a corda superior sôbre a inferior. A ligação entretanto é de tal ordem que as fraturas sempre se dão ao longo das cordas, separando-as e apresentando a superfície quebrada um lado convexo e outro côncavo. A marca deixada pelo dedo, regular e horizontalmente disposta, constitui uma ornamentação não totalmente destituída de beleza, e que aparece em numerosas variantes. (fig. 7; na fig 8: a, f parecem decorrentes dêste tipo).

Ornato não muito diferente se consegue com a impressão não mais do polegar, mas simplesmente da unha em tiras paralelas, sempre na mesma posição (fig. 8, d, e). No paradeiro em exame mostra-se apenas em potes de pequeno tamanho. Êste ornato unguicular aparece em caráter puro e desacompanhado de qualquer outro tipo de enfeite num paradeiro de Bom Princípio, no Município de Montenegro, R.S., onde é em-

pregado em recipientes pequenos e médios. Os grandes faltam de todo.

Mais rara é a incisão praticada por meio de um bastonete ou espátula em linhas intermitentes paralelas, ou em linhas intermitentes paralelas e curtos traços, que caem sobre êles como pequenas fôlhas sobre uma haste (fig. 8, b, c).

As vêzes as linhas evoluem em várias direções, dando a impressão de campo cheio de plantas cobertas de pequenas fôlhas.

Muito difícil de encontrar tanto no paradeiro, quanto nas jazidas do litoral é um modelo em leve traçado paralelo, simulando um campo arado cheio de sulcos (fig. 9). Comumente encontra-se apenas um ou outro fragmento, como nos sucedeu em Itapiranga. No paradeiro de Osório, no Rio Grande do Sul, as linhas são paralelas, ou se entrecruzam formando losangos ou quadriláteros. Ainda não tenho encontrado êste tipo estampado para comparação.

Se agora passamos à cerâmica pintada teremos três subtipos fundamentais, descobertos no paradeiro e que se assemelham a outros encontrados em grandes extensões do sul do Brasil e países limítrofes: o tipo mais simples emprega apenas uma côr, o vermelho escuro, com o qual pintam ou todo o interior ou todo o exterior, ou ambos os lados, ou porções apenas de grande número de vasos pequenos e médios. Não temos encontrado até agora uma igaçaba pintada por êste modo. Pertencente ao mesmo tipo monocolor em vermelho encontram-se faixas de côr ao longo das bordas superiores das ânforas e panelas. Muitos recipientes pintados mostram o interior ou o exterior envernizado.

Bastante comum em vasos médios e pequenos é a coloração branca, cambiando até o acinzentado, quer interna quer externa, com estreitas faixas pretas ou vermelhadas, ou ambas ao mesmo tempo, ressaltando os contornos e reentrâncias ou angulosidades dos recipientes.

O terceiro subtipo, finalmente, que se poderia dividir em inúmeros motivos é o mais espalhado. Emprega-se em igaçabas, em recipientes médios e pequenos. Sobre fundo branco apresentam-se diversos motivos lineares ou em espirais ou os dois combinados, em traços vermelhos ou pretos, ou ambos ao mesmo tempo, servindo por vêzes o preto de traço-sombra ao vermelho. Excepcionalmente tem-se descoberto em igaçabas traçado branco sobre fundo vermelho ou fundo preto com linhas vermelhas.

Entre numerosos motivos, tão variados que se lhes pode aplicar o que Léry afirmava dos tupis do Rio de Janeiro, que

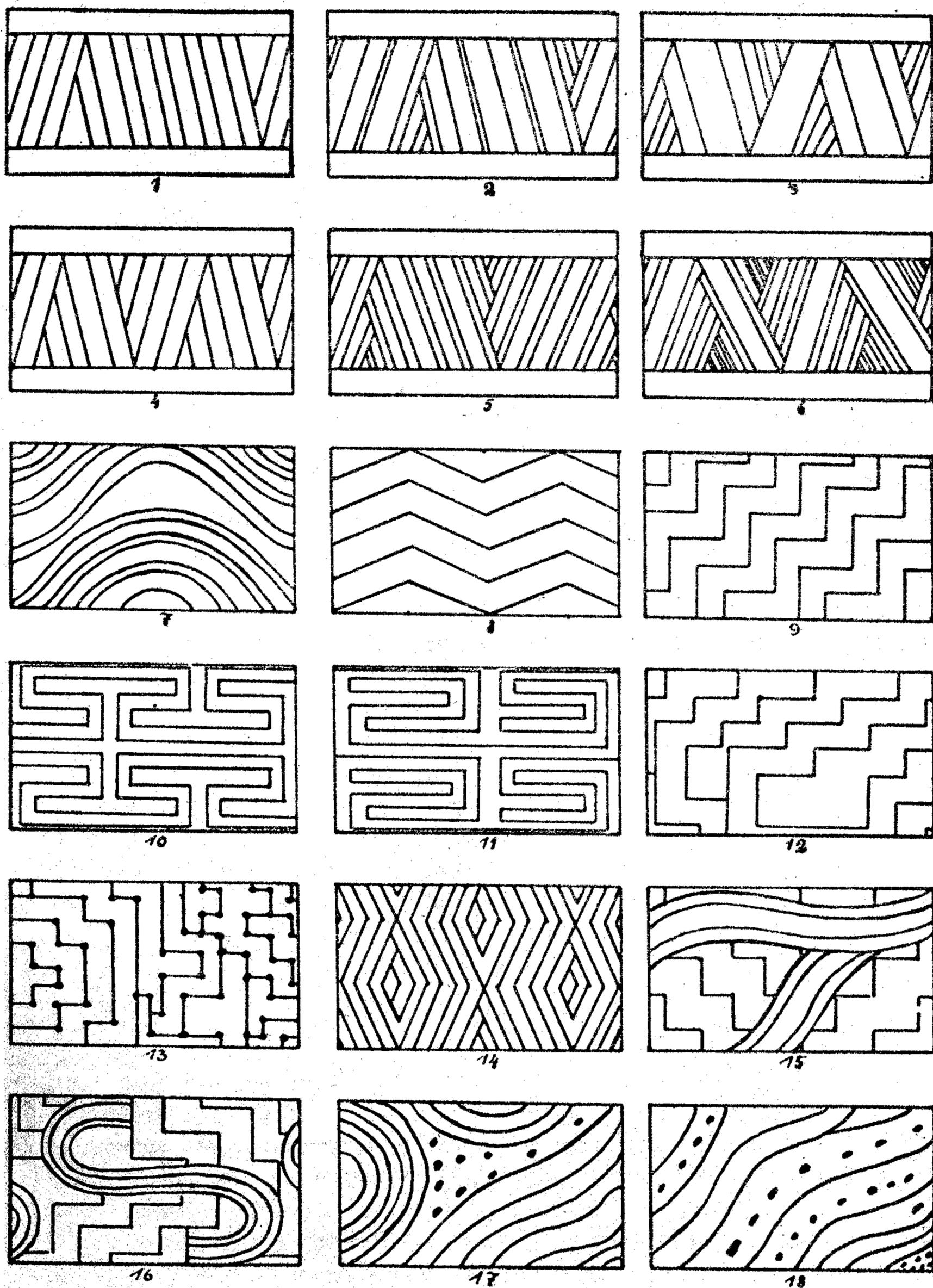
não eram capazes de reproduzir duas vezes o mesmo desenho, distinguimos inicialmente desenhos em linhas quebradas, constituindo figuras que lembram gregas, ondas estilizadas, degraus, losangos convergentes ou, ajuntando-se nas bordas superiores das igaçagas em variados modelos em A e V, a que H. Baldus gostaria de batizar com o nome de «faixa esgrafiada de triângulos» (12). Outras vezes são linhas curvas ou volutas que se conjugam em formas várias. Algumas vez combinam-se numa mesma figura os dois elementos, o retilíneo e o curvilíneo. Acentuando as reentrâncias ou ângulos dos objetos ou o rebordo, traçam-se linhas vermelhas ou pretas, bastante densas, que separam os motivos.

* * *

A tábua dá alguns motivos de pintura. Acentuo a palavra «alguns» porque dificilmente se encontra em dois recipientes a repetição do mesmo desenho. Os números 1-6 representam, em algumas variações apenas, o que H. Baldus quer dominar, se não nos enganamos, de «faixa esgrafiada de triângulos». A cerâmica do único paradeiro visitado talvez fornecesse algumas dúzias de variantes. Apresentamos estas para sugerir a infinidade de variações a que chegam. Constituem a ornamentação do gargalo e do rebordo superior das igaçabas e temo-las encontrado geralmente em cintas duplas. Não vimos nenhum gargalo de igaçaga que o não apresentasse. De um e de outro lado corre uma linha vermelha bastante grossa que separa este desenho dos outros. Um destes modelos (o número quatro) foi encontrado em traçado branco sobre vermelho, os outros todos em vermelho sobre branco ou vermelho com traço-sombra preto.

O número 7, como os anteriores, é um modelo relativamente estável, correspondendo ao alargamento do gargalo para o corpo da igaçaba. Côres: vermelho sobre branco ou vermelho com traço-sombra preto.

Os números 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15 correspondem à ornamentação do bojo de igaçabas e estão aqui representados em linhas simples, quando em realidade costumam ser de traçado duplo. Côres: vermelho sobre branco. Os números 10 e 11 excessivamente desordenados e misturados nos originais foram tomados em recortes puros. Comumente aparecem os dois modelos torcidos em várias direções e muito desordenados, tornando-se difícil apanhar-lhes exatamente o motivo. Chamo ainda a atenção para o número 14 que é o motivo ornamental correspondente ao nr. 6, pois há certa relação entre o motivo do gargalo e o do bojo. No número 15 as linhas si-



Motivos ornamentais de cerâmica guarani: 1-6 do gargalo e rebordo superior de urnas; 7 do alargamento entre o gargalo e o bojo de urnas; 8, 9, 10, 11, 12, 14 e 15 motivos de bojo de urnas; os números 10 e 11 foram um pouco corrigidos e retocados; 13 e 16 ornamentação externa de pote; 17 e 18 ornamentação interna de pote.

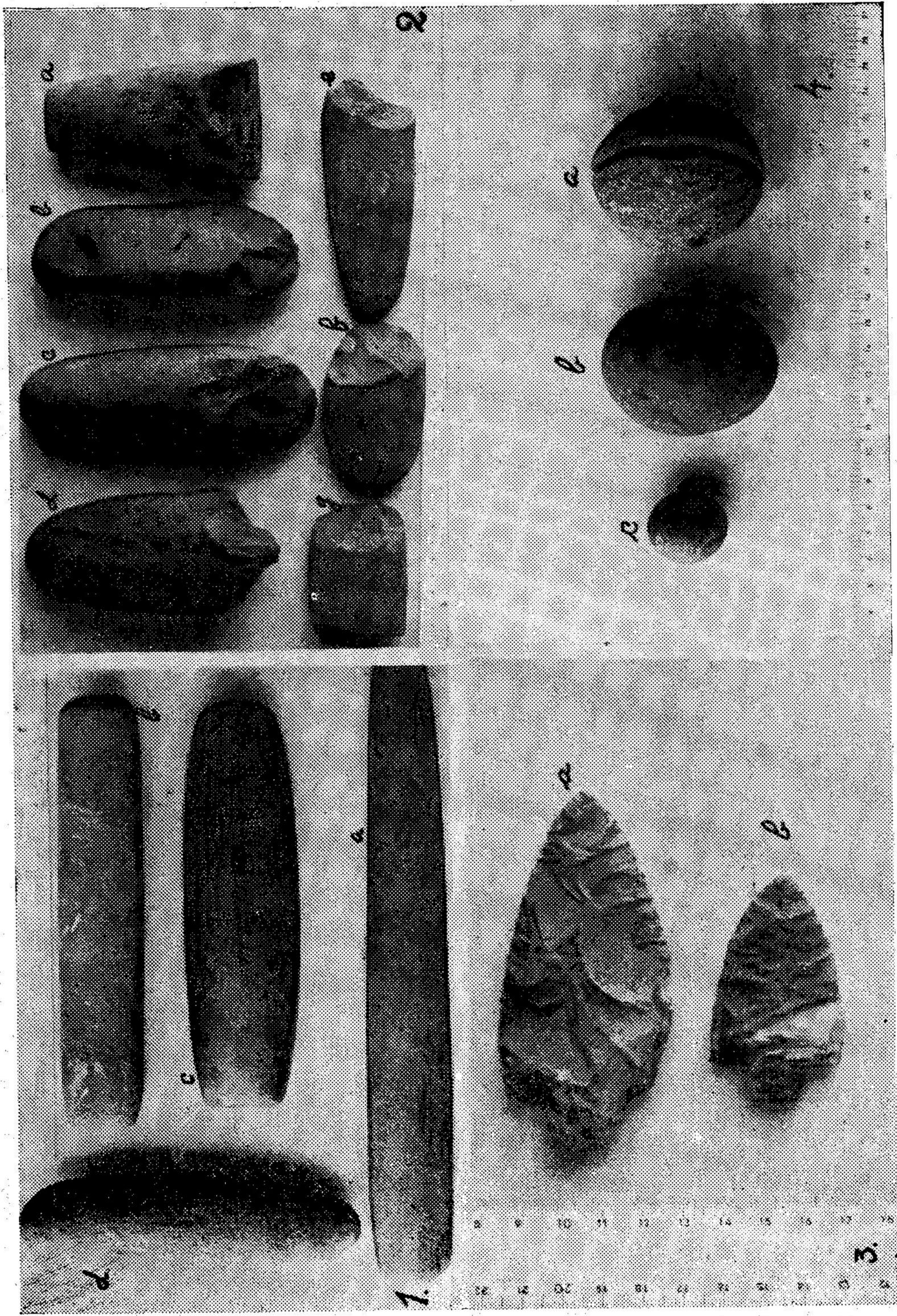


Fig. 1: a, b — mãos de pilão; c — machado polido; d — machado em preparo. — Fig. 2: a — machado de gárgalo. — Fig. 3: a — de meláfiro verde-
 lho; b — de sílex. — Fig. 4: a — bola de charrua; b, c — bolas de uso desconhecido.

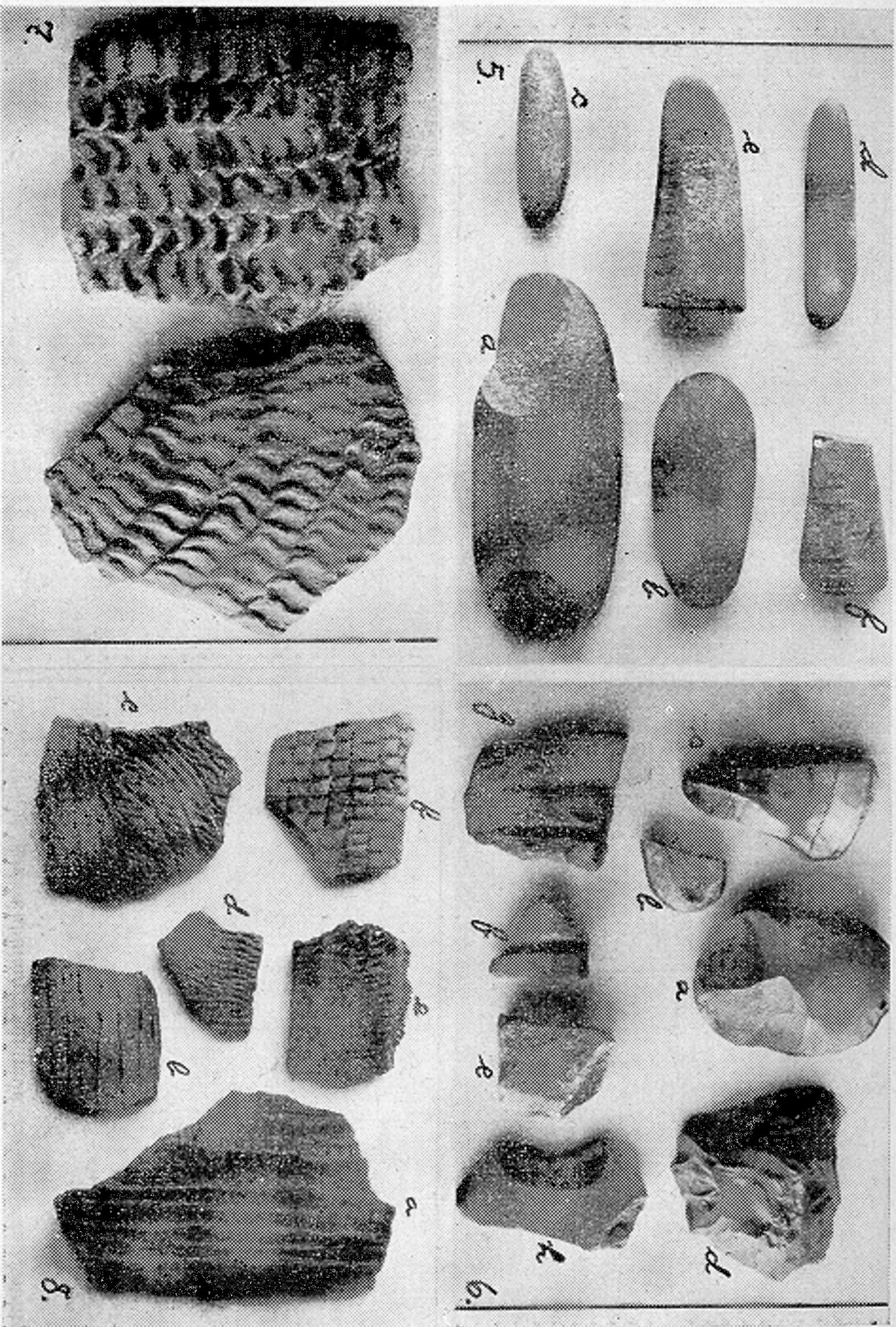


Fig. 5: a, b, c, d — alisadores de cerâmica; e, f — percussores ou raspadores. — Fig. 6: a — percussor; b — fragmento de machadinha polida; c, d, e — núcleos residuais da fabricação de pontas de flechas; f, g — pedras com sulcos; h — fragmento de machado. — Fig. 7: fragmentos de igaçabas: ornamentação digital. — Fig. 8: ornamentação plástica de vasos pequenos.

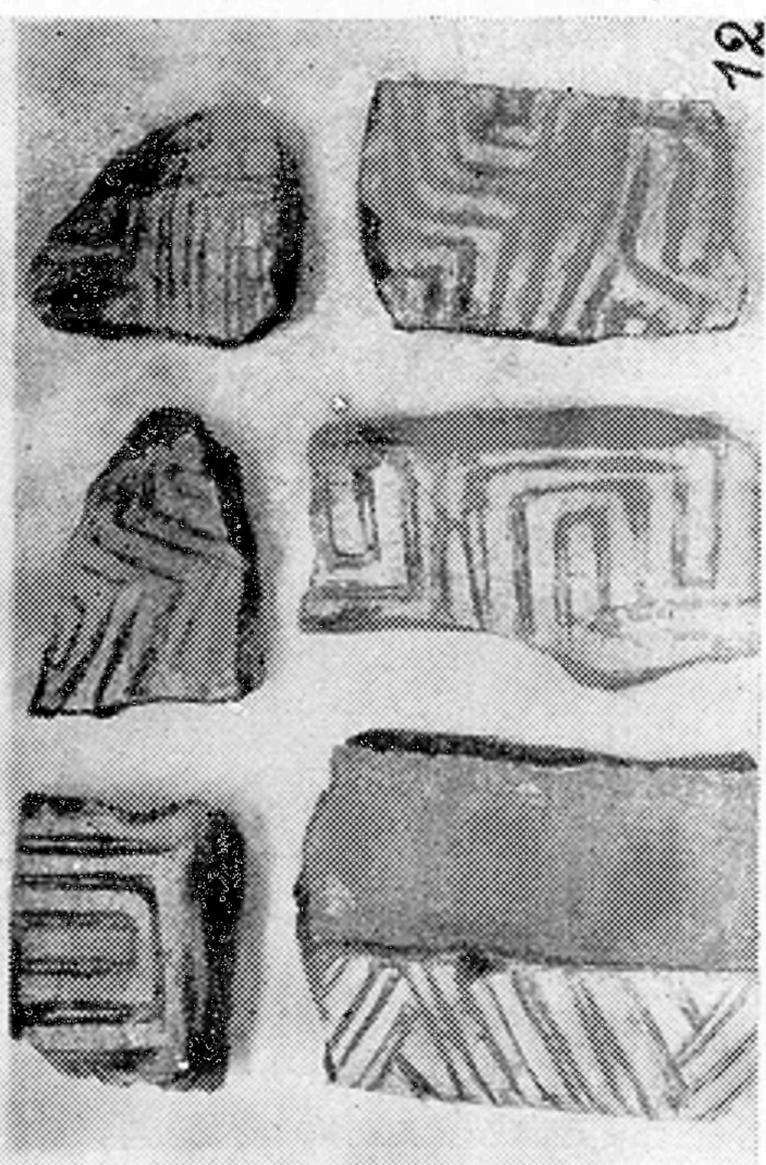
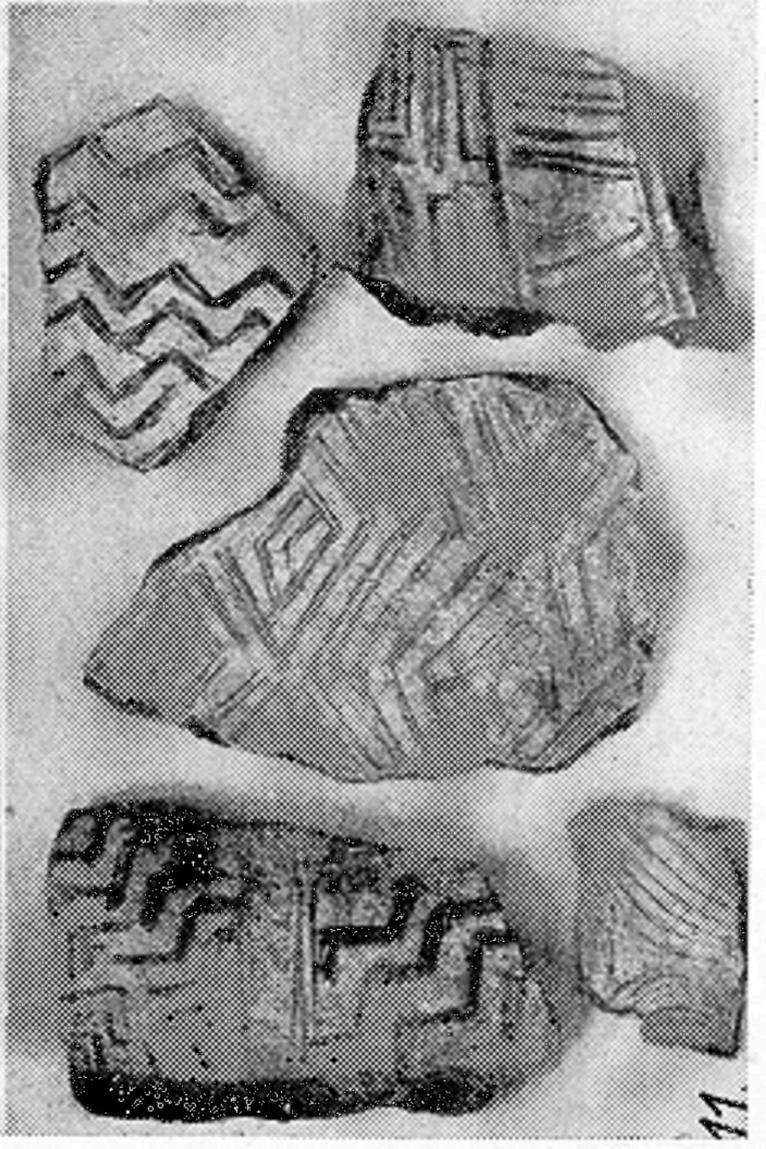
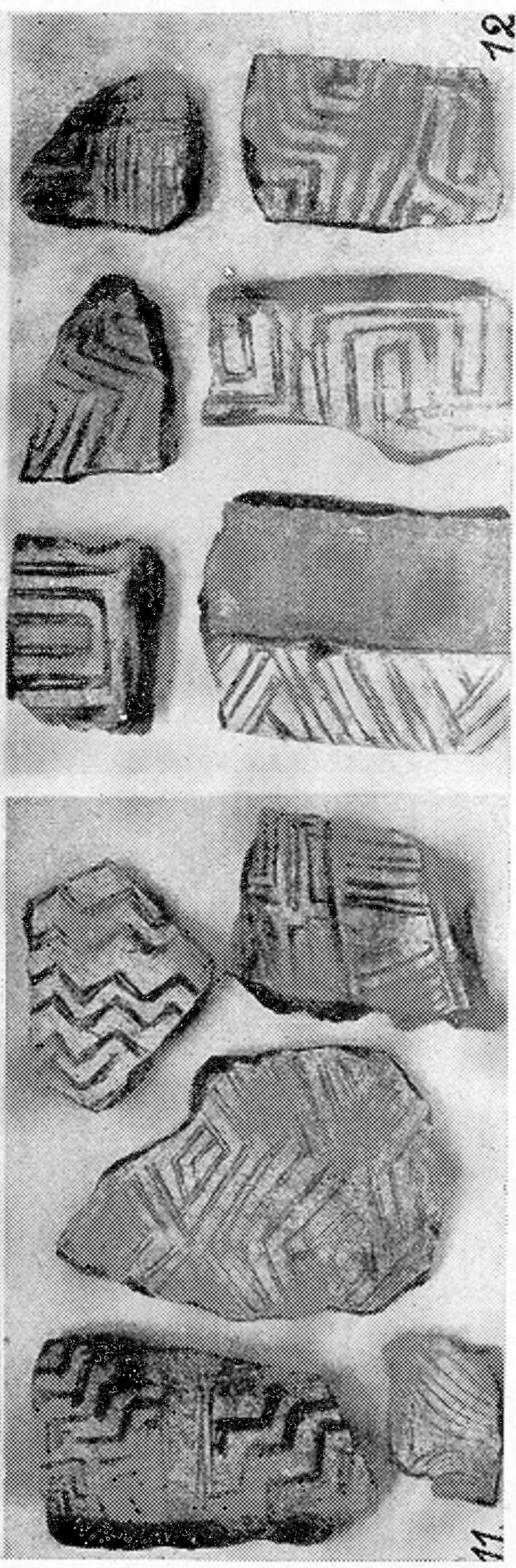
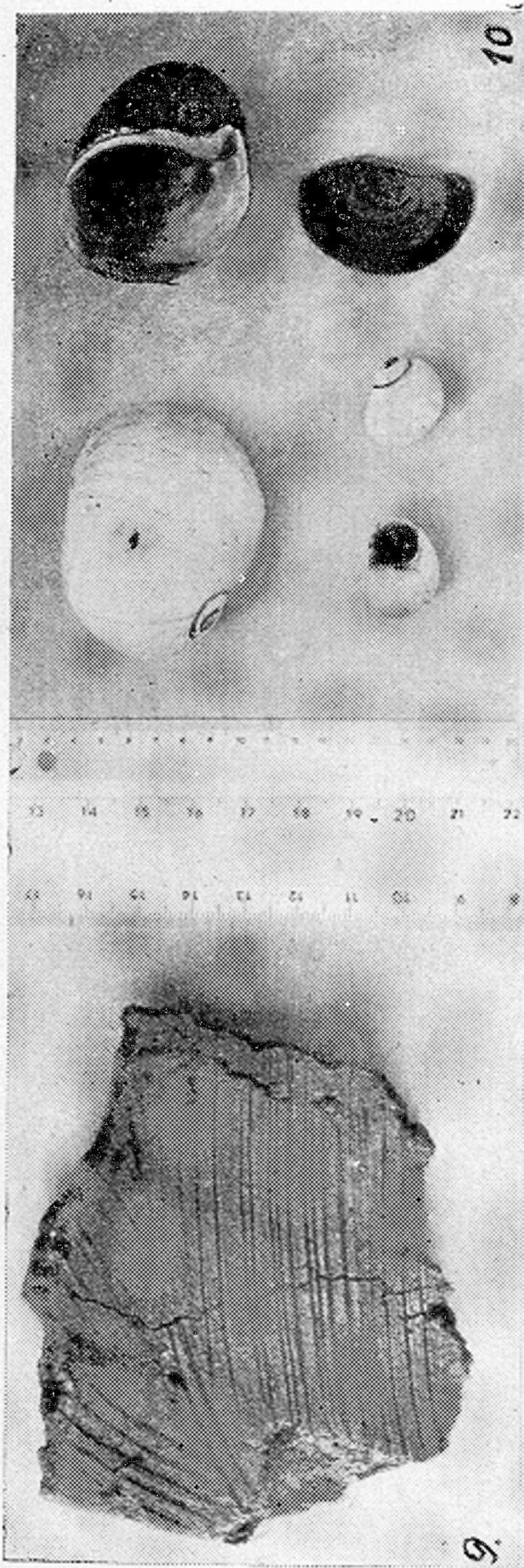


Fig. 9: Ornamentação rara simulando campo lavrado. — Fig. 10: Conchas (*Ampullaria gigas*): as brancas encontradas no paradeiro; a escura colhida no rio. — Fig. 11 e 12: Fragmentos de cerâmica, mostrando tipos de ornamentação.

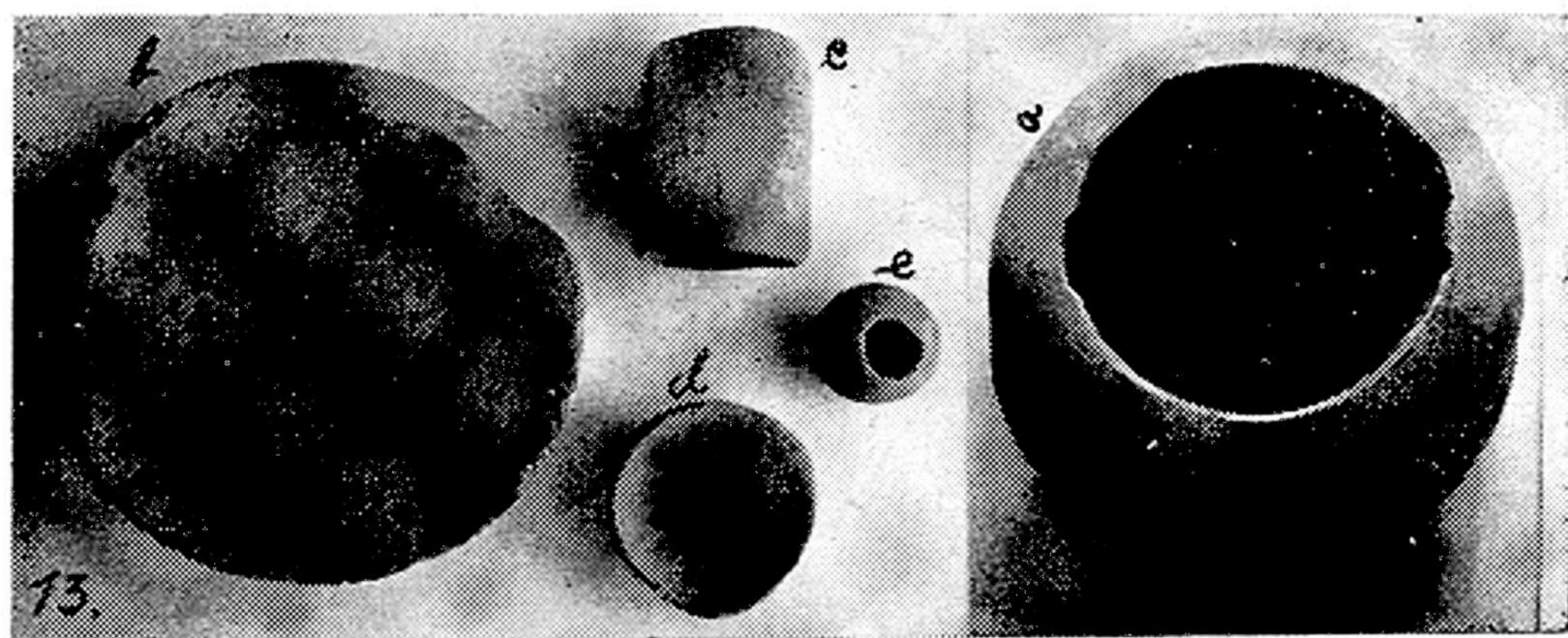


Fig. 13: Peças miúdas de cerâmica dos arredores do paradeiro; c — apito de barro cozido.

nuosas quádruplas correm desordenadamente ao longo do bojo por cima do motivo em escada.

O número 13 é a pintura externa de um pequeno recipiente muito bem cozido e envernizado por dentro, estreitando regularmente da bôca larga para a base arredondada. Difícil seria apresentar-lhe o motivo ornamental em seus traços característicos, por isto resolvemos representar todo o fragmento. Os pontos no encontro das linhas provàvelmente são intencionais e não apenas um auxílio para o artista. Tem sido encontrados em diversos fragmentos também de linhas sinuosas. Os pontos omitidos não o foram por esquecimento do desenhista, mas correspondem ao original. Linhas pretas finas sôbre fundo branco.

O número 16, vermelho sôbre fundo branco provêm de um pequeno recipiente bem cozido. O motivo não é mais largo do que no desenho e estende-se em forma de cinto ao redor de um pote baixo e largo, repetindo-se uniformemente, como fica indicado na gravura.

O número 17 é a cópia de um fragmento proveniente de pote minúsculo, um pouco maior que um punho. Côres: vermelho sôbre cinza, no interior. Os pontos são pretos. Exterior envernizado, sem ornato.

O número 18, fundo branco com traçado vermelho e pontos pretos, fundo de um pote minúsculo, semelhante ao anterior. Exterior sem ornato. Tanto êste como o precedente sugerem plantas com sementes. Infelizmente, o fragmento não dava todo o motivo.

Numerosas outras variantes existem nos fragmentos de Itapiranga, muitos porém demasiado apagados ou quebrados ao meio. As reunidas nesta página dão uma idéia do estilo que, no seu pensamento profundo, mantêm certa estabilidade, embora os pormenores sejam de uma mobilidade a tôda prova, não se encontrando fàcilmente dois traçados iguais.

Nas igaçabas pintadas há certo esquematismo na sequência dos motivos: o rebordo do vaso e o gargalo trazem, na cerâmica do paradeiro, desenhos em A e V; o alargamento em direção ao bojo ostenta modelos em linhas sinuosas e o corpo até a metade ou pouco mais além, leva os modelos restantes. Nas panelas e potes não se tem notado qualquer regularidade na repetição, apresentando-se ora pintados só por dentro, ora só por fora, ou por dentro e por fora e geralmente com um motivo apenas em tôda a extensão da parede.

* * *

Apesar de o solo estar juncado de fragmentos, objeto inteiro não encontramos nenhum. Apenas de pessoas do lo-

cal recebemos quatro peças, duas com pintura vermelha simples e duas lisas sem pintura alguma.

O primeiro é um pote com 15,5 cms. de diâmetro na base, 7,8 cms. de profundidade e 10 cms. de altura. Na metade da altura a parede se estreita em forma de bojo de 3 cms. Está bem cozido. O fundo apresenta grandes manchas negras prováveis indícios de seu uso no preparo de alimentos cozidos. Está pintado de vermelho simples do estreitamento para baixo (fig. 13, a).

O segundo é um recipiente lenticular bastante danificado, e que talvez já não reproduza toda a forma primitiva. Apresenta 16,5 cms. de diâmetro na parte mais larga, profundidade provável de 4,8 cms. Abertura calculada em 13,5 cms. Grossura das paredes 4 mms. Bem cozido. Restos de pintura vermelha simples no exterior. Fundo negro indicando provável uso no fogo. (fig. 13, b).

Os dois objetos restantes sugerem imitações posteriores, híbridas, fabricadas pelos índios, conforme modelos brancos. Afirmam os descobridores tê-los escavado da terra em região de mata-virgem. Também poderiam ser falsificações. Constam de um pires primitivo e de uma imitação grosseira de xícara ou caneca sem alça. Foram encontrados em lugares diferentes e por duas pessoas que nada tinham a ver uma com a outra. O primeiro objeto tem uma abertura de 6,8 cms. e 3 cms. de diâmetro no fundo plano, 2,3 cms. de altura interna. A grossura das paredes é de 3 mms. É liso e tosco, sem pintura e bem cozido. (fig. 13, d). O companheiro é um pote cilíndrico de fundo plano e paredes em ângulo reto. O diâmetro do fundo é de 3,5 cms., a abertura de 4,6 cms., altura 7 cms., grossura das paredes 3,5 mms. (fig. 13, c).

As tintas empregadas para a pintura da cerâmica manifestam pequenos matizes. O vermelho dos objetos monocolors costuma ser carregado e bruto, nos modelos mais perfeitos aparece ora em vermelho claro, ora escuro, ou róseo. As mesmas cambiantes oferece o branco que oscila até o cinzento-escuro e o preto que desce até marron e pardo.

O que tange à proveniência das tintas, o branco era produzido de conchas calcinadas ou aproveitando o caulim; o vermelho, em regra geral, é extraído do cerne de uma árvore leguminosa da família do pau-brasil e que se chama alecrim (*Holocalyx balansae* Mich.) (13). A cor preta consegue-se com facilidade moendo carvão. Com graxa animal ou resinas todas estas tintas se tornam resistentes ao tempo e os obje-

tos, mesmo expostos durante longos anos à chuva e demais intempéries, conservam suas cores bastantes estáveis.

* * *

Juntando num rápido escôrcço o material elaborado nestas linhas, notamos que todo êle converge num sentido: o paradeiro visitado apresenta as características da cultura guarani.

O sepultamento em urnas é um elemento tipicamente guarani. O cemitério afastado da aldeia, encontrado aqui e no Alto Paraná, é um dos dois gêneros de entêrro da mesma família; o outro é o sepultamento dentro da cabana do falecido, ou numa cabana especialmente construída para êsse fim.

A aldeia não apresenta, é verdade, a disposição característica descrita por Métraux, com 4 a 7 malocas ou casas grandes, dispostas em semi-círculo ao redor da ocara. As «terras negras» entretanto parecem indicar casas grandes, embora não do tamanho das dos tupinambás, que atingiam 100 ou mais metros. Em cada uma delas moraria um cacique com os seus subordinados. Quanto à disposição das vivendas é sabido que os tupi-guaranis, nas suas correrias assimilaram elementos de várias culturas, não se restringindo a um esquema rígido de habitação, mas servindo-se de diversas disposições e formatos no tocante a suas choupanas.

A abundância da cerâmica novamente está de acôrdo com a cultura guarani, fortemente matriarcal, onde a agricultura, a cargo da mulher, ocupava lugar relevante. As duas mãos de pilão caem na mesma esfera agrícola. Não falamos aqui do material lítico por ser deficiente e ainda escassamente estudado nas suas características. O formato e a ornamentação da cerâmica finalmente é o toque mais convincente por ser muito característico. Já falamos da igaçaba mortuária, elemento demasiadamente estudado.

Embora a ornamentação, de modo especial a pintada, apresente variantes indefinidas, devido à exuberante fantasia do índio, nas suas características essenciais permanece imutável e os mesmos tipos fundamentais por nós encontrados em Itapiranga já foram examinados em vastas regiões sul-americanas continuamente sob o tópico de cultura guarani antiga.

Herbert Baldus descobriu-os no Norte do Estado do Paraná (14), Max Schmidt em Ypané, próximo de Asunción do Paraguai (15), F. C. Mayntzhusen no Alto Rio Paraná (16), na mesma região Juan B. Ambrosetti (17), Tibiriçá em São Paulo (18), Antônio Serrano no Rio Grande do Sul (19), o autor tem, na sua coleção, amostras de Osório, Iraí, Nonoai no Rio Grande do Sul; Serrano ainda os examina na Antiga Pro-

víncia do Uruguai (20), como no litoral argentino (21), na Argentina também Badano (22); finalmente Alfred Métraux estuda os tupi-guaranis no conjunto de suas características em todo o território ocupado por esta cultura, desde o Rio da Prata até o Amazonas (23).

Assim que o paradeiro visitado parece ter sido ocupado por guaranis antigos e as outras jazidas dos arredores, que apresentam muitos caracteres semelhantes, provavelmente cairão dentro do mesmo círculo de cultura.

A B S T R A C T

The author, in a study of a site of the far west of Santa Catarina (Brazil), examines the following material:

a) *Three spots of carbonized earth, containing stone artifacts, pottery and stratified shells, indicate the place of an ancient village of large communal houses.*

b) *The cemetery of urns, about five hundred meters distant from the village, presents only a few types of smooth pottery and of plastic ornaments, without painted pottery or stone implements or traces of fire. Numerous mortuary urns were found there.*

c) *The stone material consists of pestles, ready or unfinished axes, balls, inclusively one charrua ball imported from the south, arrow heads, instruments for polishing and for striking, and material of unknown use.*

d) *The very abundant pottery, manufactured according to the spiral technique, badly burnt, is divided into three fundamental types: smooth pottery, without any ornaments; pottery of plastic decoration with finger and finger nail impressions and incisions; painted pottery.*

e) *The latter is divided into one-colored (red), two-colored (red or black tinging the saliences on a white background) and that of the ornamental themes exemplified in the annexed plate. The white paint is made out of calcinated shells or of kaolin; the red is made out of the leguminous plant called "alecrim" (*Holocalyx balansae* Mich.); the black out of ground coal.*

The whole material appears as being of ancient guarani culture and presents the same characteristics of the guaranitic sites in South America that have been examined by many authors.

Zusammenfassung.

Der Verfasser behandelt eine am oberen Uruguay im Staate Sta Catarina, Südbrasilien, gelegene Fundstelle von Indianergeraeten; er kommt zu folgenden Schluessen:

a. An drei Stellen weist der Boden Brandspuren auf; Steinwerkzeuge, Tonscherben und Muschelschichten, die reichlich darin eingebettet sind, bezeichnen den Standort von mehreren Hütten.

b. Der etwa 500 Meter entfernte Friedhof enthält nur wenige Arten Töpferei, und zwar nur solche mit Fingereindruck, oder Fingernagelverzierung, aber ohne Bemalung. Obwohl dort in den letzten Jahren mehrere Begräbnisurnen ausgegraben wurden, hat man weder Steinwerkzeuge noch Feuerstellen gefunden.

- c. Die Steinwerkzeuge bestehen aus Stösseln, fertigen und halbfertigen Aexten, Glaettern, Haemmern, usw.; unter den Steinkugeln findet sich auch eine typische Wurfkugel, die wahrscheinlich vom Kamp von Rio Grande do Sul stammt.
- d. Die sehr haeufigen Erzeugnisse der Toepferei zeigen die bekannte Spiralwulsttechnik und sind meist schlecht gebrannt. Es lassen sich drei Typen unterscheiden: Ohne jede Verzierung; Fingernageleindrueke und Ritzmuster; Bemalung.
- e. Was diese letztere angeht, so kann man drei Hauptarten aufstellen: Einfarbig rot; zweifarbig mit roten und schwarzen Streifen auf weissem Untergrund; dreifarbig in mannichfacher Abwechslung.

Die beigegebene Tafel gibt eine kleine Auswahl der Muster wieder.

Danach besteht kein Zweifel, dass die Fundstelle zur sogenannten Guaraní-Kultur gehoert, die in Suedamerika weit verbreitet ist.

N O T A S

- (1) Compare para este fim com a obra de F. C. Mayntzhusen — Ueber vorkolumbianische Siedlungen und Urnenfriedhoefe der Guaraní am Alto Paraná, Actas del XVII Congresso Internacional de Americanistas, Buenos Aires, 1912.
- (2) H. von Ihering — A Civilização Pré-histórica do Brasil Meridional, Revista do Museu Paulista, S. Paulo, vol. I, pág. 77.
- (3) Herbert Baldus — Tonscherbenfunde in Nordparaná, — Archiv fuer Volkerkunde, Bd. VI u. VII, Wien, 1951-52.
- (4) Veja para este fim os diversos artigos de João José Bigarella sobre sambaquis, em Arquivos de Biologia e Tecnologia, Curitiba, Paraná.
- (5) Guilherme Tiburtius, Iris Koehler Bigarella, João José Bigarella. Nota prévia sobre a jazida paleo-etnográfica de Itacoara (Joinville, Estado de Santa Catarina), Arquivos de Biologia e Tecnologia, Vol. VIII (1953). Curitiba, Paraná.
(5.a) F. C. Mayntzhusen — op. cit.
- (6) P. Balduino Rambo, S. J. — Pontos de Etnografia e Etnologia, Universidade do Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre 1949, pag. 60 ss.
- (7) G. Tiburtius e A. Leprevost — Nota sobre a ocorrência de machados de pedra, nos Estados do Paraná e Santa Catarina, Arquivos de Biologia e Tecnologia, vol. VIII (1953) — Curitiba, Paraná.
- (8) P. Balduino Rambo, S.J. — op. cit. pag. 42.
- (9) Herbert Baldus — op. cit.
- (10) P. Balduino Rambo, S.J. — Os índios rio-grandenses modernos, Província de São Pedro, nr. 10, Pôrto Alegre, pag. 86.

- (11) R. G. Willey — Ceramics, in Handbook of South American Indians, Smithsonian Institution, vol V pag. 182.
- (12) Herbert Baldus — op. cit.
- (13) Compare também A. Andrade — Estudo das matérias corantes de origem vegetal, em uso entre os índios do Brasil e plantas de que procedem, Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1926.
- (14) Herbert Baldus, — op. cit.
- (15) Max Schmidt — Nuevos Hallazgos prehistóricos de Paraguay, Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, tomo III, nr. 3, Asunción, 1932.
- (16) F. C. Mayntzhusen — op. cit.
- (17) Juan B. Ambrosetti — Los cementerios prehistóricos del Alto Paraná (Misiones), Boletín del Instituto Geográfico, tomo XVI, Buenos Aires, 1895.
- (18) R. W. Tibiriçá — Cerâmica pre-colombiana paulista, Revista do Arquivo Municipal, vol. XV, S. Paulo, 1935.
Idem — Cerâmica Indígena Precolombiana — Revista do Arquivo Municipal, LVI, S. Paulo, 1939.
- (19) A. Serrano — Arqueologia Brasileira. Subsídios para a arqueologia do Brasil Meridional, Revista do Arquivo Municipal, vol. XXXVI, S. Paulo, 1937.
- (20) Idem — Etnografía de la Antigua Provincia del Uruguay, Paraná, 1936.
- (21) Idem — Los aborígenes argentinos — Buenos Aires, 1947.
- (22) V. M. Badano — Notas Arqueológicas II. Piezas enteras de alfarería del litoral existentes en el Musvec de Entre Rios, Memorias del Museo de Entre Rios, nr. 14, Paraná, 1940.
- (23) Alfred Métraux — La civilisation matérielle des tribus tupi-guarani, Paris, 1928.